

Lá vem o trem das CEBs...



BRUNA SUDÁRIO

“Os desafios do mundo urbano” este será o tema dos próximos encontros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em todo o Brasil. Tudo em vista do 14º Intereclesial de CEBs que acontece em janeiro do próximo ano, em Londrina, no Paraná. Na Arquidiocese de Mariana, leigos, leigas e clero vão debater o assunto que, segundo o pró-

prio texto-base elaborado em preparação ao Intereclesial, é um grande desafio que as CEBs aceitam “por acreditarem que Deus envia o Espírito que ilumina e fortalece quem, no seguimento de Jesus, luta pela Justiça e pela Paz.”

Em Mariana, são 31 anos de encontros onde a participação e animação movimentam o trem das CEBs, faz aumentar

a fé em um mundo melhor e promovem a integração pastoral de forma orgânica e descentralizada.

A cidade de Londrina vai receber o Intereclesial, com o objetivo de ampliar o debate e promover as mudanças necessárias na busca de igualdade nas grandes cidades brasileiras.

Páginas 6 e 7

Vamos celebrar

A liturgia da Palavra desta edição do Jornal Pastoral traz a Festa da Transfiguração do Senhor que se trata não de um ocaso na trajetória de Jesus, mas de uma experiência fundamental de sua vida. Ela deixa entrever algo da sua verdadeira identidade, que na humanidade, mostra a sua divindade: a escolha feita no batismo é, na transfiguração, confirmada como o caminho que leva à liberdade humana e à glória de Deus.

Páginas 10 e 11

Comunicação

Acontece, em agosto, o 10º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom). Com o tema “Educar para Comunicação”, a iniciativa busca ajudar na compreensão da comunicação como instrumento de comunhão e progresso humano. As inscrições para participar do Muticom ainda estão abertas e deverão ser feitas pelo site do evento: www.muticom.com.br.

Página 8

30 anos da Pastoral da Juventude na Arquidiocese

O 9º Seminário Arquidiocesano da Pastoral da Juventude, realizado nos dias 15 a 18 de junho, na cidade de Piranga, marcou o início das comemorações dos 30 anos de presença da PJ em nossa Arquidiocese, que serão celebrados no próximo ano. Os nove

compromissos assumidos pelos participantes do Seminário e divulgados em carta aberta à juventude da Arquidiocese confirmam a disposição da PJ de continuar sua história sem perder sua identidade. Confira no artigo “A caminho dos 30 anos”.

Página 5



BRUNA SUDÁRIO

Chegou ao fim na Arquidiocese de Mariana a peregrinação com a réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida, em vista do tricentenário do encontro da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul. Foram quase três anos de peregrinação pelas paróquias, comunidades, escolas, hospitais, repartições públicas e tantos outros lugares. Os relatos a respeito da visita são sempre carregados de emoção e alegria. “Como posso merecer que a Mãe do meu Senhor me venha visitar?” (Lc 1,43). Talvez esse versículo que Lucas coloca nos lábios de Isabel expresse bem o contentamento e o espírito de graça de quem vivenciou tal experiência. Dessa peregrinação mariana é possível destacar alguns aspectos mais relevantes que podem ajudar em nossa caminhada pastoral e na ação evangelizadora de nossa Arquidiocese.

O primeiro deles é a manifestação da religiosidade popular. Segundo o documento final da Conferência de Aparecida “Em nossa cultura latino-americana e caribenha conhecemos o papel tão nobre e orientador que a religiosidade popular desempenha, especialmente a devoção mariana, que contribuiu para nos tornar mais conscientes de nossa comum condição de filhos de Deus e de nossa comum dignidade perante seus olhos, não obstante as diferenças sociais, étnicas ou de qualquer outro tipo” (n. 37). A peregrinação reascendeu esse aspecto tão importante das comunidades cristãs e do povo de Deus. É uma fé simples, mas não simplória. Revelada em gestos, palavras, atitudes que brotam do coração, de homens e mulheres simples e pobres. Às vezes, uma fé racional por demais se esquece de reconhecer as belezas de Deus nas manifestações mais populares.

O segundo elemento interessante é o espírito missionário. A peregrinação foi um grande mutirão de animação missionária. De maneira bastante natural, a peregrinação produziu um movimento missionário que envolveu muita gente. Nesse sentido, o subsídio “Caminhando Com Maria”, elaborado para esse fim, foi um instrumento valioso.

Finalmente, um terceiro aspecto, resultado dos dois anteriores, é a sintonia e proximidade do povo com a “Imagem”, reveladas especialmente no tocar, no carregar e no beijar. Evidentemente, não se trata de um “endeusamento” da imagem da Virgem Aparecida, mas de reconhecer que o Mistério se faz proximidade, presença, afeto.

O que ficará de toda essa peregrinação? Quais frutos serão colhidos? Que imagens nossos olhos recordarão? Talvez o seu “manto surrado”, revelado em algumas fotos dos dias finais da peregrinação, seja uma boa síntese de tudo que foi vivido. Um símbolo do que desejamos enquanto Igreja Particular de Mariana: próxima do povo, que respeita e cultiva sua religiosidade e missionária, pronta para ir aonde o Senhor indicar.



Ano Mariano IV

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Por ocasião do tricentenário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, a Igreja no Brasil celebra este Ano Mariano que nos oferece a oportunidade para aprofundar nossa devoção a Maria de forma sempre mais autêntica. Em vista da obtenção desse objetivo, a CNBB reeditou a Coletânea de Missas de Nossa Senhora, publicada em 1986 por ocasião da comemoração do segundo milênio do nascimento da Santíssima Virgem Maria. Os próprios títulos revelam a riqueza doutrinária e o alimento sólido para uma genuína piedade mariana: Virgem Maria, Filha eleita de Israel; Maria na Anunciação do Senhor; Visitação da Bem-aventurada Virgem Maria; Santa Maria, mãe de Deus; Maria, Mãe do Salvador; Maria, na Epifania do Senhor; Santa Maria na apresentação do Senhor; Santa Maria de Nazaré; Virgem Maria de Caná; Santa Maria, discípula do Senhor; Maria junto à cruz do Senhor; Recomendação da bem-aventurada Virgem Maria; Mãe da Reconciliação; Maria na ressurreição do Senhor; Santa Maria, fonte de luz e de vida; Virgem Maria do cenáculo; Rainha dos Apóstolos; Santa Maria, mãe do Senhor; Santa Maria, nova mulher; Santo nome de Maria; Serva do Senhor; Templo do Senhor; Sede da Sabedoria; Imagem e mãe da Igreja; Imaculado Coração de Maria; Rainha do universo; Mãe e medianeira da graça; Fonte da salvação; Mãe do bom conselho; Causa de nossa alegria; Amparo da fé; Mãe do belo amor; Mãe da santa esperança; Mãe da unidade; Rainha e mãe de misericórdia; Mãe da divina providência; Mãe da consolação; Auxílio dos cristãos; Virgem Maria das Mercês; Saúde dos enfermos; Rainha da paz e Porta do céu.

O Beato Paulo VI, em sua Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, muito nos orienta como proceder para que se desenvolva um culto à Bem-aventurada Virgem Maria, de acordo com os ensinamentos do Magistério da Igreja. Assim, “foi restaurado também o livro da Liturgia das Horas, que

encerra preclaros testemunhos de piedade para com a Mãe do Senhor: nas composições dos hinos, entre as quais não faltam algumas obras-primas da literatura universal; nas preces colocadas no final de Laudes e Vésperas, em que não é raro encontrar-se o confiante recurso à Mãe de misericórdia; na seleção vastíssima, enfim, de páginas marianas, devidas a Autores que viveram nos primeiros séculos do Cristianismo, na Idade Média e na Idade Moderna (cf. MaC. 13).

Se no Missal, no Lecionário e na Liturgia das Horas, que são os eixos da oração litúrgica romana, a memória da Virgem Maria se repete com ritmo frequente, também nos demais livros litúrgicos reformados não faltam as expressões de amor e de suplicante veneração para com a Mãe de Deus. Deste modo, pode ver-se que a Igreja a invoca, Mãe da graça, antes de imergir os candidatos nas águas salutaras do Batismo; implora a sua intercessão para aquelas mães que, reconhecidas pelo dom da maternidade, se apresentam com alegria no templo; aponta-a como exemplo aos seus membros que abraçam o seguimento de Cristo na vida religiosa ou recebem a consagração virginal, e para eles invoca o seu auxílio maternal; a ela dirige instante súplica em favor dos filhos que chegaram à hora do passamento; dela solicita a intervenção em prol daqueles que fechados os olhos para a luz temporal, compareceram perante Cristo, Luz eterna, e, enfim, suplica, pela sua intercessão, conforto para aqueles que, mergulhados na dor, choram, com fé, a partida dos próprios entes queridos (cf. MaC 14).

Este breve exame dos livros litúrgicos restaurados leva-nos a uma confortante comprovação: a reforma pós-conciliar, como já figurava entre os votos do Movimento Litúrgico, considerou a Virgem Maria com uma perspectiva adequada no mistério de Cristo; e, em sintonia com a tradição, reconheceu-lhe o lugar singular que lhe compete no culto cristão, qual Santa Mãe de Deus e enquanto cooperadora do Redentor (MaC 15).

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas,
Agência: 1701 - Conta: 583-3
Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: **R\$ 25,00** anual
(12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.

Tel.: (31) 3557 3167

Email: jornalpastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.

Dacom: Jornalista - Bruna Sudário

Diagramação: Gabriela Santos

Colaboração: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 - São José; CEP 35420-000 - Mariana - MG. Fone: (31) 3557-1233

Tiragem: 2.000 exemplares.



ARQUIVO PESSOAL

Perdão e reconciliação: caminhos restaurativos para contribuir com a cultura da paz

Na busca pela contribuição com a cultura da paz, na perspectiva da justiça restaurativa para uma sociedade mais fraterna, a ESPERE (Escola de Perdão e Reconciliação) oferece cursos teórico-vivenciais de perdão e reconciliação. O jornal Pastoral conversou com Dalka Lemos Capanema, uma das facilitadoras e formadora da ESPERE, com o objetivo de entender esta metodologia de trabalho e como este curso pode auxiliar os agentes da Pastoral Carcerária.

PASTORAL: Como nasceu e funciona a Escola de Perdão e Reconciliação?

DALKA CAPANEMA: A Escola de Perdão e Reconciliação – ESPERE nasceu a partir da experiência de Padre Leonel Narváez, Doutor em Sociologia, com um trabalho na prevenção da violência na capital da Colômbia. Hoje a Escola pertence à Fundación para la Reconciliación, instituição que tem sua sede em Bogotá, na Colômbia, e núcleos espalhados por vários países. No Brasil, a ESPERE vem se desenvolvendo através de trabalho voluntário em várias capitais e cidades, usando a mesma metodologia, orientação e objetivo geral da Escola original idealizada e criada por Narváez.

PASTORAL: A ESPERE oferece o curso teórico-vivencial Perdão e Reconciliação – Fundamentos da Justiça Restaurativa. Quais os objetivos e a metodologia utilizados nesta formação?

DALKA CAPANEMA: A formação aspira a um fortalecimento da capacidade da pessoa de se transformar e de transformar sua relação com o mundo, com as pessoas e, principalmente, com sua própria história. O foco do aprendizado é o encontro humanizado de cada um consigo mesmo e com o outro, seguindo os seguintes passos:

- Alfabetização emocional
- Revivência de situações de vítima ou de ofensor
- Tomada de consciência do papel da raiva
- Expressão de emoções, sentimentos, dor, luto
- Perdão enquanto possibilidade de libertação
- Empatia e compaixão
- Verdades e necessidades
- Comunicação assertiva e não violenta (CNV)
- Introdução à Justiça Restaurativa formal e informal.

A proposta consiste basicamente em oferecer o curso teórico-vivencial de perdão e reconciliação, em dez módulos e carga horária de no mínimo 40 horas, distribuídas de acordo com a disponibilidade do grupo participante. Trata-se de espaço de diálogo, cuidado, teorização, vivência, partilha, compreensão e construção, onde os participantes, sob a orientação de facilitadores, aprendem a superar conflitos íntimos, curar feridas e memórias desagradáveis (raiva, rancor, ódio, desejo de vingança) causados pela violência, pelos conflitos e demais desafios da convivência humana.

PASTORAL: A justiça restaurativa pelo método

ESPERE apresenta alternativas ao sistema penal?

DALKA CAPANEMA: Penso que a Justiça Restaurativa pode ser uma alternativa ao sistema penal. De fato, esse novo paradigma de justiça faculta a solução e a transformação das mais diversas situações conflitivas e mesmo de crimes, pelas próprias partes e respectivas comunidades de afeto, de modo autônomo, implicando-as assim na construção de sua própria história. Todos eles juntos, através de encontros circulares, facilitados por agentes restaurativos e precedidos dos chamados pré-círculos de preparação, discutem o fato danoso, os danos, identificam as necessidades de todos os envolvidos e, solidariamente, responsabilizam-se pela restauração de vítimas, ofensores, comunidade, buscando caminhos para um futuro melhor. Desse modo, o processo restaurativo pode, com a anuência das

sariamente, pela vivência do perdão genuíno e de profunda harmonização com a condição humana. Nesse sentido, a ESPERE trabalha na perspectiva da Justiça Restaurativa.

PASTORAL: Como um desdobramento do 6º Fórum Social pela Vida, o curso teórico-vivencial Perdão e Reconciliação: Fundamentos da Justiça Restaurativa está sendo realizado na arquidiocese. Após o curso, quais os próximos passos que os participantes devem realizar?

DALKA CAPANEMA: Meu desejo e minha esperança é que todos os que passam pela formação da ESPERE façam também um curso específico de Práticas de Justiça Restaurativa, baseado nas metodologias do International Institute for Restorative Practices, de Belinda Hopkins (Instituto Internacional de Práticas Restaurativas – IIRP) e dos Círculos de Construção de Paz, vertente das práticas restaurativas elaborada por Kay Pranis, de modo a se capacitarem como facilitadores de círculos restaurativos e círculos de construção de paz.

PASTORAL: A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 2014, pediu, através de uma nota, que as autoridades levassem “a sério a justiça restaurativa, proposta pela ONU, e a Escola de Perdão e Reconciliação (ESPERE), defendida pela Pastoral Carcerária, como alternativas à política de encarceramento em vigor no país”. Os agentes da Pastoral Carcerária já estão bem informados sobre a ESPERE?

DALKA CAPANEMA: Não tenho elementos suficientes para responder a essa pergunta. Apenas posso dizer que o Núcleo ESPERE de Belo Horizonte ministrou o curso ESPERE para um grupo de agentes da Pastoral Carcerária de Belo Horizonte, obtendo um retorno muito animador e, atualmente, ministra-o nesta arquidiocese de Mariana. No mais, tenho conhecimento de que nos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, a ESPERE trabalha em presídios em parceria com a Pastoral Carcerária local.

Para acompanhar o trabalho da ESPERE em Belo Horizonte, sugiro que visitem o site www.esperbhw.wordpress.com e que nos contatem pelo e-mail esperbhw@gmail.com. Quanto a mim, ponho-me à disposição para caminhar junto a todos que, assim como eu, se sentem chamados a contribuir de alguma forma com a construção de uma cultura de paz e uma sociedade mais justa e fraterna.



MARCOS XAVIER

partes, evitar não só a judicialização de conflitos, mas também, com a anuência do Poder Judiciário, evitar a continuidade de processos judiciais ainda não sentenciados e, em consequência, conforme o caso, evitar a aplicação judicial de penas privativas de liberdade.

PASTORAL: Como o curso (Perdão e Reconciliação: Fundamentos da Justiça Restaurativa) pode auxiliar os agentes da Pastoral Carcerária?

DALKA CAPANEMA: Entendo que o ministério do agente da Pastoral Carcerária há que ser essencialmente restaurativo. As práticas restaurativas pedem do facilitador, assim como de todas as pessoas que aplicam estes conhecimentos em seu dia a dia, habilidades e atitudes que efetivamente o levem a encontrar o outro em sua humanidade, seu sofrimento, suas expectativas, suas necessidades.

A formação da ESPERE pretende que o participante vivencie o difícil, mas necessário, encontro com a própria humanidade e, desse lugar, conecte-se efetivamente com a humanidade do outro, através de um processo de autorrestauração, que passa, neces-

Paróquia dedicada a Nossa Senhora Aparecida é instalada na Arquidiocese



BRUNA SUDÁRIO

Em sintonia com o Ano Nacional Mariano e o encerramento da peregrinação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, a primeira paróquia dedicada à padroeira do Brasil foi instalada na Arquidiocese de Mariana no dia 25 de junho.

Em clima de fé e alegria, milhares de fiéis e devotos caminharam pelas ruas de Mariana levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida para a nova paróquia, que foi instalada no bairro Cabanas. A celebração eucarística de dedicação da matriz foi presidida pelo arcebispo, dom Geraldo Lyrio Rocha, e contou com a participação de vários padres. “Este é um evento tão importante que não pode ser nunca mais esquecido. Por isso, todos os anos no dia 25 de junho a missa deverá celebrar o seu primeiro aniversário de dedicação desta igreja”, disse dom Geraldo.

Para a ministra extraordinária da eucaristia, Maria das Graças Alves, a paróquia é a realização de um sonho para a comunidade. “Eu moro neste bairro há 25 anos. No começo, as nossas missas eram na rua. Nessa caminhada, nós sempre fizemos eventos para arrecadar dinheiro. Hoje nós temos um sonho realizado, que aumenta e renova a nossa fé”,

ressaltou Maria das Graças.

O sonho da construção da igreja de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Cabanas, começou em 1997 e, em 2002, a igreja foi inaugurada. Na época a comunidade pertencia à paróquia de Nossa Senhora da Assunção e tinha como pároco, padre Paulo Barbosa. “Quando se pensou em uma igreja grande, se sonhava que ali, um dia, pudesse ser a sede de uma paróquia. Sinto-me como um agraciado por esta grande celebração da instalação da nova paróquia. Agradecimentos a Dom Luciano, Dom Geraldo e a todos os que trabalharam nesta obra benemérita”, conta padre Paulo.

Durante a celebração, a comunidade acolheu o pároco, padre Anderson Eduardo de Paiva, que agradeceu a todos que participaram do processo de construção e instalação da paróquia. “É nesse desejo de nos tornarmos zelosos nesta casa comum, que é nossa, que eu gostaria de agradecer a todos que, de alguma maneira, participaram da construção desta paróquia de Nossa Senhora Aparecida. A todos os padres, especialmente ao padre Paulinho, cônego Nedson e a Dom Geraldo”, disse o novo pároco.

Encerrada a peregrinação da imagem de Nossa Senhora Aparecida na Arquidiocese

Depois de visitar paróquias, comunidades, capelas, escolas, hospitais, presídios e ir ao encontro dos afastados, a peregrinação da imagem de Nossa Senhora Aparecida a Arquidiocese terminou no dia 25 de junho, no Santuário de Nossa Senhora do Carmo, em Mariana, com o rito de coroação da imagem. Centenas de fiéis e devotos participaram da celebração.

“Como todas as mães experimentam profundos sentimentos quando descobrem que as feições do seu filho reproduzem alguma semelhança com as suas, assim Maria, nossa dulcíssima Mãe, não pode ter maior desejo, nem maior alegria do que ver reproduzidos os traços e as virtudes de sua alma nos pensamentos, nas palavras e nas obras daqueles que ela recebeu por filhos aos pés da cruz do seu Unigênito”, disse o arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Dom Geraldo também pediu a intercessão de Nossa Senhora pelo país, pelos jovens e pelos idosos. “Imploramos à Padroeira do Brasil que ajude nossa Pátria a sair dessa crise que tem raízes morais e consequências gravíssimas para a vida do

povo brasileiro no campo social, político e econômico. Peçamos à Virgem Aparecida, com insistência, que as crianças e a juventude cresçam sadias e puras e não se contaminem com o ar corrompido do mundo, e, fugindo de todas as ciladas, não se deixem dominar pelos vícios, pela maldade, pela impureza”. Após o rito de coroação, a imagem foi levada, em caminhada, para a igreja de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Cabanas, onde vai permanecer.

A peregrinação

Em dezembro de 2014, a Arquidiocese acolheu a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida na cidade de Barbacena, Região Pastoral Sul. Começou assim a peregrinação em todas as paróquias da Igreja particular de Mariana.

Esta peregrinação fez parte das comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no Rio Paraíba em 1717. Várias dioceses do país receberam a imagem peregrina nos últimos meses.

BRUNA SUDÁRIO



A caminho dos 30 anos

O 9º Seminário Arquidiocesano da Pastoral da Juventude, realizado nos dias 15 a 18 de junho, na acolhedora cidade de Piranga, marcou o início das comemorações dos 30 anos de presença da PJ em nossa Arquidiocese que serão celebrados no próximo ano. Muito bem organizado e conduzido pela Equipe Central, o Seminário nos possibilitou recordar os grandes momentos da Pastoral da Juventude, especialmente na “mesa redonda” que reuniu os assessores e secretários arquidiocesanos desde seu início em 1988.

Impressionaram-me a atenção e o interesse com que os mais de 170 participantes acompanharam a exposição dos convidados que, por cerca de duas horas, explicaram a metodologia da PJ, sua organização, suas atividades e iniciativas a serviço do Reino de Deus. Para a maioria dos jovens ali presentes, toda aquela história era novidade. Foi de lavar a alma recordar a trajetória vitoriosa da PJ, trazendo à memória

nomes de muitas lideranças que cresceram na fé e na luta graças à Pastoral da Juventude.

O Seminário, contudo, não se resumiu à memória dos 30 anos da PJ. Foi, acima de tudo, uma vigorosa retomada de caminhada da Pastoral que, por várias razões, encontrava-se desaquecida. A Equipe Central mostrou autoconfiança e, sobretudo, capacidade de conduzir um grande evento. Não deixou dúvidas de que o jovem sabe ser protagonista de sua própria caminhada. Com maturidade e segurança, auxiliada pelos assessores, animou os jovens, garantiu a espiritualidade com celebrações encarnadas e comprometidas, marcou posição em relação a temas importantes como a crise pela qual passa o país, conclamou a PJ a assumir pra valer o Projeto Arquidiocesano de Evangelização da Juventude.

Os nove compromissos assumidos pelos participantes do Seminário e divulgados em carta aberta à juventude da Arquidiocese confirmam a disposição da PJ de continuar sua história sem

perder sua identidade. Apontam também para uma PJ aberta e acolhedora, disposta ao diálogo com o mundo plural que nos desafia cada vez mais. Indicam, ainda, que os jovens têm clara a meta de construir a Civilização do Amor e que, para isso, precisam fortalecer-se por meio de uma espiritualidade libertadora alimentada pelo pão da Palavra e da Eucaristia.

No contexto de celebração dos 30 anos da PJ, nossa Arquidiocese encontre os melhores caminhos de tornar concreta a opção pelos jovens de maneira afetiva e efetiva. Deus continue derramando seu Espírito sobre nossos jovens a fim de que sejam verdadeiramente protagonistas na construção da Civilização do Amor. Jamais lhes falem nosso apoio, nossa confiança e nossa amizade. Deixemos que “façam barulho”, como lhes disse o papa Francisco, e não tenhamos medo.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

Seminário da Juventude abre as comemorações dos 30 anos da PJ na Arquidiocese

A cidade de Piranga se tornou a casa dos jovens da Arquidiocese de Mariana nos dias 15 a 18 de junho. Em preparação para os 30 anos da Pastoral da Juventude na arquidiocese, o 9º Seminário Arquidiocesano da Juventude reuniu cerca de 170 jovens.

“Vocês têm a responsabilidade de dar continuidade a uma proposta de Igreja que nasceu há 30 anos e que já produziu muitos frutos. A PJ de 2017 não será a mesma de 1988, quando nasceu, pois os contextos são outros. O contexto social, político, econômico, cultural e eclesial passou por mudanças e vocês têm e responsabilidade de refletir sobre a PJ e garantir a sua continuidade para que outros celebrem essa mesma história”, disse aos jovens o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins.

Oficinas, mesas redondas sobre o processo de construção da Pastoral da Juventude na arquidiocese, suas lutas e conquistas e uma vivência missionária na cidade e nos distritos de Piranga fizeram parte da programação. O seminário teve como objetivo ser um espaço de formação e troca de experiência entre os grupos de base da pastoral da juventude. “Uma das coisas que os jovens cobram dos coordenadores regionais é a questão da formação. Então, este seminário é um espaço de formação, por isso, nós damos tanta importância para as oficinas”, explicou o secretário da PJ, Marcos Xavier.

No último dia, os participantes receberam o subsídio “PJ Mariana: 30 anos construindo um jeito jovem de ser igreja” que passará nos grupos/paróquias da arquidiocese como uma preparação para a festa dos 30 anos. “Cada grupo é convidado a acrescentar



BRUNA SUDÁRIO

um retalho a cada bandeira que acompanha o subsídio e relatar algo que marca a história do mesmo. As cinco bandeiras, junto aos retalhos, formarão uma grande bandeira a ser apresentada nas comemorações do Dia Nacional da Juventude de 2018”, esclarece Marcos Xavier.

Segundo o assessor arquidiocesano da PJ, padre Luiz Paixão, o seminário e as outras atividades em comemoração aos 30 anos da PJ são bem marcantes na caminhada da pastoral. “Quando realizamos e vemos acontecer este seminário, com jovens de toda a arquidiocese, provamos que esta história de 30 anos é marcante na nossa Igreja. Este é um sinal de vitalidade. Não é celebrar 30 anos de um passado, mas celebrar um presente que está acontecendo e tem um futuro”, ressaltou.

Para Juliana Pereira, do Grupo Igreja Jovem, em Conselho Lafaiete, o seminário foi maravilhoso. “Estamos acostumados com a nossa realidade e aqui tivemos contato com outras realidades. Poder conhecer mais a história da PJ também foi mui-

to bom. Levarei tudo para o meu grupo”, disse.

Evangelização

O Projeto de Evangelização da Juventude da arquidiocese, aprovado em fevereiro de 2017, foi lançado no 9º Seminário Arquidiocesano da Pastoral da Juventude. Seguindo a metodologia do ver-julgar-agir, o projeto vem responder a necessidade de discutir a evangelização da juventude na Igreja particular de Mariana, conforme decisão da Assembleia Arquidiocesana de Pastoral de 2015. As etapas de elaboração do texto foram confiadas à coordenação arquidiocesana de pastoral, que convocou toda a juventude para trilhar este caminho.

“O projeto nasce com a proposta de garantir a unidade, mas respeitando as particularidades de cada expressão juvenil. A nossa proposta é que os grupos de base dessas expressões juvenis leiam e estudem este texto. Ele deve ser levado para toda a Igreja. Todas as lideranças devem conhecer este projeto”, disse padre Geraldo Martins.

GIRO RÁPIDO

Pastoral da Sobriedade

A nova coordenação arquidiocesana da Pastoral da Sobriedade foi eleita no dia 10 de junho, durante a II Assembleia da Pastoral realizada no Centro Arquidiocesano de Pastoral em Mariana. A nova equipe vai conduzir os trabalhos por dois anos e será composta por Elismas Andrade de Oliveira, da cidade de Ouro Branco, como coordenador arquidiocesano, e Maria do Amparo Santana, de Viçosa, como vice-coordenadora. Os coordenadores regionais também foram escolhidos durante a assembleia.

COMIDI

O Conselho Missionário Diocesano (COMIDI) acolheu seu novo assessor arquidiocesano, padre Geraldo Trindade, em uma reunião realizada no dia 10 de junho, no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana. O encontro teve como objetivo apresentar as forças missionárias presentes na Arquidiocese, juntamente com seus desafios e alegrias. “As experiências missionárias na Arquidiocese são muito variadas. Temos experiências de longa data, com semanas e formações missionárias. Temos também um projeto missionário diocesano. Conhecer todos esses trabalhos é muito importante”, afirma padre Geraldo Trindade. Representantes das Regiões Pastorais, da Infância e Adolescência Missionária (IAM), da Juventude Missionária e do Conselho Missionário dos Seminaristas (COMISE) participaram da reunião.

2ª Romaria das Águas e da Terra

As dioceses em toda a extensão da Bacia do Rio Doce, desde sua nascente até a sua foz, realizaram no dia 4 de junho, em Caratinga (MG), a 2ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. Mais de 6.000 pessoas, vindas de dioceses de Minas Gerais e do Espírito Santo, participaram da caminhada e refletiram o tema “Bacia do Rio Doce, nossa casa comum. Povos, terra e águas clamam por justiça”. A romaria teve início em frente ao Santuário de Adoração Eucarística, ao lado da BR 101, e seguiu por três quilômetros, pelas ruas de Caratinga até à Praça da Catedral, onde houve missa presidida por dom Emanuel Messias de Oliveria, bispo de Caratinga. Ao final, foi lida e entregue aos presentes a Carta da 2ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, apresentando compromissos a serem assumidos pelas dioceses em vista da construção de políticas públicas no campo social e ambiental, defesa e proteção da vida dos seres humanos e do planeta terra.

Em 2018, a Romaria será acolhida pela Arquidiocese de Mariana, no dia 3 de junho, na cidade de Ponte Nova.

Juventude Missionária

A Arquidiocese vai acolher, dos dias 14 a 16 de julho, o IV Congresso Estadual da Juventude Missionária de Minas Gerais. O encontro será realizado na Casa de Retiro Nossa Senhora da Alegria, na Vila Samarco. A edição deste ano terá como tema “Minha vida para a Missão! O começo de uma nova história” e o lema “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes” (Tiago 1,22). O Congresso tem como objetivo abrir novas portas e trilhar novos caminhos para os grupos da Juventude Missionária no estado, “acordando” a Juventude para a missão a fim de que os jovens se enxerguem como protagonistas numa Igreja em saída e missionária.

Formação para catequistas

Completando 25 anos, a Semana de Formação para Catequistas (SEFORC) será realizada nos dias 16 a 21 de julho no Instituto de Filosofia do Seminário São José, em Mariana. A edição deste ano pretende destacar as pessoas que ajudaram a construir a história da catequese na arquidiocese.

Nomeações e transferências

Criação de Nova Paróquia

Diante do parecer favorável do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Mariana, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha decidiu criar a Paróquia de Nossa Senhora das Dores, no distrito de Senhora das Dores, no município de Barbacena.

NOMEAÇÃO

O Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha, na qualidade de Presidente da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana – FUNDARQ, tendo ouvido seu Conselho Curador, no uso de suas atribuições, de acordo com o Art. 17, IV, designou o Sr. Côn. Lauro Sérgio Versiani Barbosa, Diretor Executivo da referida Fundação, por um mandato de quatro anos.

Lá vem a “civilização

A Arquidiocese de Mariana se prepara para seu 31º Encontro das Comunidades Eclesiais de Base que vai abordar o “mundo urbano”, em s

São mais de cinquenta anos de história. O mundo mudou e os desafios são outros. As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs espalhadas pelos quatro cantos do Brasil sabem disso e trabalham firmes se adaptando aos novos tempos, a esta nova realidade sem perder o rumo e sem perder a essência de sua caminhada. Caminhada, que, segundo as próprias CEBs, vive “à luz do Projeto de Jesus, chamado por Ele de Reino de Deus, à luz da eclesiologia de Igreja como Povo de Deus, consagrada no Concílio Vaticano II; à luz do sentido, da sabedoria de fé que está na vida do povo”, junto com todos e todas que acreditam que outro mundo é possível, fazendo da fé uma razão fundamental para não se desligarem da vida, da luta pela justiça, da solidariedade, enfim, da busca por uma terra sem males.

O Papa Francisco, em 2014, escreveu às CEBs, por ocasião do 13º Intereclesial e destacou o importante papel que elas desempenham na vida da Igreja em todo mundo: “Como lembrava o Documento de Aparecida, as CEBs são um instrumento que permite ao povo ‘chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos’ (n.178).” E recentemente, dirigindo-se a toda a Igreja, escrevia que as Comunidades de Base “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”, mas, para isso é preciso que elas “não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular” (Evangelii gaudium, 29).

E é com este “ardor evangelizador” que as CEBs se preparam para o 14º Encontro Intereclesial, que acontecerá em Londrina, Paraná, entre os dias 23 e 27 de janeiro de 2018, e que vai debater problemas e expectativas para o mundo urbano, iniciativa que ganhou destaque durante a 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em maio deste ano. Durante a assembleia, o bispo de Tocantinópolis (TO) e referencial das CEBs, dom Giovane Pereira de Melo, disse que o evento é uma grande assembleia do povo de Deus que se encontra periodicamente para celebrar a caminhada, as conquistas, a luta e o testemunho de ser presença profética nas pequenas comunidades: “É um voltar da Igreja



através das Comunidades Eclesiais de Base sobre toda a realidade, os desafios de evangelizar e ser presença profética no mundo urbano”.

Ainda durante a assembleia da CNBB, o secretariado do evento apresentou os subsídios que irão animar a caminhada das comunidades em 2018. O texto-base que tem como título “CEBs e os Desafios do Mundo Urbano”, oferece uma reflexão sobre os desafios vividos nas grandes cidades.

O primeiro capítulo do subsídio traz uma abordagem do processo de urbanização no Brasil, contextualizando a origem das cidades brasileiras, suas dinâmicas e culturas. No segundo capítulo, o texto-base traz uma fundamentação teológica para a ação das CEBs em relação aos desafios da cidade. Já no último capítulo são apontados os problemas mais graves ou mais urgentes pelos animadores de CEBs no Brasil, como a questão da moradia, violência, saúde, educação.

Segundo o bispo de Aparecida (SP), dom Orlando Brandes, que fez a apresentação do texto base para o Intereclesial, um dos papéis mais importantes das CEBs é levar para todos os cantos, incluindo os grandes centros, a “civilização do amor”. “O Papa Francisco nos impulsiona a olhar a cidade com os olhos da ciência e os olhos da fé. Deus habita nas casas, nas ruas, nas praças da cidade. A Palavra de Deus deve alcançar os núcleos mais profundos da alma da cidade. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração no coração da cidade e do mundo urbano. Há anos já se dizia: ‘Paris é terra de missão’. Hoje precisamos gritar: ‘o mundo urbano é prioridade da missão’. Não nos roubem o entusiasmo missionário, não nos roubem o projeto ‘Comunidade de comunidades’, não nos roubem o profetismo e a dimensão social do Evangelho. Evangelizar o mundo urbano, que está globalizado é um desafio, porque sua alma é o mercado que leva à ‘globalização da indiferença’. Nossa missão consiste em globalizar a ‘civilização do amor’ através das obras de misericórdia e da revolução da ternura, à luz da Doutrina Social da Igreja. Isso requer um permanente discernimento, mudança de mentalidade, de estilo de vida e de estruturas ultrapassadas”, afirma dom Orlando.

No texto-base, o mundo urbano representa um desafio para as CEBs que tem suas origens nas pequenas comunidades, em sua maioria vindas do interior do



do Amor”

intonia com o Intereclesial, que acontecerá em janeiro de 2018, em Londrina, Paraná.



FOTOS: BRUNA SUDÁRIO

Brasil. O desafio principal vem da constatação de que as grandes cidades não são locais onde os direitos humanos são respeitados em sua amplitude, que incluem direitos cívicos, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Partir desta constatação, é preciso entender a lógica de funcionamento do mundo urbano, sua pluralidade e perceber como a dinâmica da injustiça se mantém e é



reminada entre os mais diversos grupos sociais. O estudo avalia ainda os caminhos da hierarquia do mundo urbano que cria diferenças e as transforma em desigualdades. “Nossas cidades raramente conseguem conviver com as diversidades e as diferenças frequentemente saltam em desigualdade. Neste sentido, a cidade não expressa, mas também reproduz as desigualdades da sociedade. Por isso o direito à cidade deve ser entendido não como uma cidade para todos seus habitantes, isto é, uma cidade inclusiva, que rejeita atitudes discriminatórias e que o respeito à diversidade se articula com o direito à

igualdade.” Ainda segundo o texto, as cidades brasileiras foram construídas visando o lucro e são tratadas como mercadoria, por isso a urgência em “fomentar outros imaginários e representações sobre o mundo urbano”.

Desafios, propostas e normas

As atividades pastorais nas grandes cidades é um assunto que traz desafios a toda Igreja. Em 2016, por ocasião do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, o Papa Francisco destacou a importância de se assumir um diálogo permanente com a multiculturalidade, identificando e reconhecendo os diferentes grupos que vivem nas metrópoles e a necessidade de se compartilhar o evangelho com os “pobres urbanos”. “Na cidade, o futuro dos pobres é mais pobreza e a Igreja não pode ignorar seu grito nem entrar no jogo dos sistemas injustos, mesquinhos e interesseiros que tentam torná-los invisíveis”, disse Francisco, que sugeriu ainda um caminho: “É preciso fazer da Igreja uma Igreja samaritana. Trata-se de uma mudança no significado do testemunho. Com o testemunho, podemos incidir nos núcleos mais profundos. O testemunho concreto de misericórdia e ternura nas periferias existenciais e pobres atua diretamente nos imaginários sociais, gerando orientação e sentido para a vida da cidade.”

Outra proposta apresentada como caminho para reduzir as desigualdades e promover justiça nas grandes cidades é a chamada Teologia do Caminho de Jesus. Segundo o texto-base do 14º Intereclesial, “na nossa realidade urbana, marcada pelas exclusões, os seguidores e seguidoras de Jesus são chamados a denunciar as exclusões – também aquelas cometidas pelas instituições religiosas – e promover práticas e estruturas inclusivas (...) tomando como referência as palavras de Jesus e sua prática, entendendo a inclusão das pessoas excluídas como base para sua proposta de Reino de Deus.”

Encontro Arquidiocesano

A Arquidiocese de Mariana também está debatendo o trabalho das CEBs nas grandes cidades. Nos dias 14, 15 e 16 de julho, a cidade de Senhora de Oliveira vai tentar entender um pouco mais sobre o mundo urbano sedian-

do o 31º Encontro Arquidiocesano das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na paróquia de Nossa Senhora das Oliveiras, localizada na região pastoral Mariana Centro. O encontro terá assessoria da secretária adjunta do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - Regional Leste 2, Leci Nascimento, e do coordenador regional das CEBs, Antônio Cecílio, além da participação do coordenador Arquidiocesano de Pastoral, padre Geraldo Martins, que irá fazer uma apresentação sobre a cartilha das Comunidades Eclesiais de Base na Arquidiocese de Mariana. O encontro deve reunir cerca de 150 participantes.

As Comunidades Eclesiais de Base foram concebidas nos anos 50, nasceram com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e foram batizadas em Medellín (Colômbia), na 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana, em 1968.

O documento Luz dos Povos, do Vaticano II, disse que “a Igreja é, em Cristo, como que sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (n. 1). Os Bispos no Brasil aprovaram, em 2014, o documento “Comunidade de Comunidades: uma Nova Paróquia”.

Em 1990, o Papa S. João Paulo II escreveu, em Missão do Redentor § 51. “Um fenômeno, com crescimento rápido nas jovens Igrejas, promovido pelos bispos ou mesmo pelas Conferências episcopais, por vezes como opção prioritária da pastoral, são as comunidades eclesiais de base (conhecidas também por outros nomes), que estão a dar boas provas como centros de formação cristã e de irradiação missionária. Trata-se de grupos de cristãos, em nível familiar ou de ambientes restritos, que se encontram para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, para a partilha dos problemas humanos e eclesiais, em vista de um compromisso comum. Elas são um sinal da vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade, fundada na ‘civilização do amor’”.

Desde os anos 1960 se fala sobre a renovação das paróquias. Podemos encontrar no Brasil várias paróquias em processo de renovação. A renovação de uma paróquia depende da compreensão do ser Igreja. Isto supõe coragem para fazer mudanças, começando por si mesmo, pela pessoa que deseja a renovação da Igreja. A essa pessoa chamamos de agente de pastoral, agente missionário. Trata-se de gente que age. A gente só passa a ser agente quando tem CLAREZA do valor da solidariedade; CONSCIÊNCIA do ser família de Deus; CORAÇÃO que arde com a Palavra de Deus; COMPROMISSO assumido com ardor missionário e CAMINHADA empreendida com paixão. Podemos observar que, com 5 “Cs”, podemos nos transformar num sal saudável e num fermento de ótima qualidade no meio do povo. Isto porque estes 5 “Cs” brotam da prática de CRISTO.

Os bons agentes de pastoral: leigos e leigas, diáconos e padres, bispos e papa, são como setas: apontam caminhos, apresentam propostas, sentam-se em círculo, ouvem, dialogam... Tem um olho na realidade e outro na Palavra; tem os pés no chão do povo, um coração do tamanho do mundo e uma cabeça questionadora igual à de Maria: “Como vai acontecer isso?” (Lc 1,34). A resposta vem do céu: “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37). A missão de todo batizado é lançar-se na missão de Cristo: “Quando recebi as tuas palavras, eu as devorava. A tua palavra era festa e alegria para o meu coração, porque eu levava o teu nome, ó Javé” (Jr 15,16).

CEBs são Igreja, são a verdadeira Igreja de Jesus. Se juntarmos no copo do liquidificador, mamão, abacate, banana, açúcar, leite e batemos, teremos uma saborosa vitamina. Se tivermos na comunidade: catequese, grupo de reflexão, liturgia, pastoral da criança, pastoral da juventude, pastoral familiar, etc. e tudo isso resultar numa pastoral orgânica, teremos uma Igreja missionária: isto é uma Comunidade Eclesial de Base.

.....
Padre Luiz Faustino dos Santos
Miranda do Norte, MA

Igreja quer ouvir os jovens: saiba como colaborar com o Sínodo dos Bispos de 2018

Em 2018, será realizada a XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. No processo de preparação, ocorre a fase de consulta, quando o povo de Deus pode enviar contribuições e respostas ao questionário disponibilizado pela Santa Sé.

A fase de consulta foi aberta após a publicação do documento preparatório, em janeiro deste ano. Este processo levará à redação do instrumento de trabalho para a assembleia sinodal. Às conferências episcopais coube a responsabilidade de receber as contribuições e respostas, compilar o material e enviar à Secretária do Sínodo. Aqui no Brasil, a CNBB disponibilizou desde



L'Osservatore Romano

janeiro o texto com o questionário.

Questionário

O Vaticano questiona a juventude com

a finalidade de acompanhar os jovens em seu caminho existencial rumo à maturidade, para que, por meio de um processo de discernimento, “possam

descobrir seu projeto de vida e realizá-lo com alegria, abrindo-se ao encontro com Deus e com os homens, participando ativamente da edificação da Igreja e da sociedade”.

O documento preparatório propõe uma reflexão em três partes. A primeira sobre as dinâmicas sociais e culturais. Na sequência, uma abordagem do “discernimento” como instrumento que a Igreja oferece aos mais novos para a descoberta da sua vocação. Por fim, são colocados em relevo os elementos fundamentais da pastoral juvenil vocacional.

Saiba mais no site da CNBB: www.cnbb.org.br

Papa afirma que fome não é fatalidade, é consequência humana

“As guerras, o terrorismo, os deslocamentos forçados não são fruto da fatalidade, mas consequência de decisões concretas”. É o que escreve o Papa Francisco na mensagem enviada aos participantes da 40ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que foi inaugurada no dia 3 de julho, na sede da instituição, em Roma.

A mensagem foi lida pelo Secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolin. No texto, Francisco afirma que a Santa Sé acompanha com muita atenção a atividade internacional e quer cooperar para uma real erradicação da fome e da desnutrição, e não somente orientar para favorecer um simples progresso ou objetivos teóricos de desenvolvimento.

Pão cotidiano

“Todos estamos conscientes de que não basta a intenção de garantir a todos o pão cotidiano, mas que é necessário reconhecer que todos têm direito a ele e que devem, portanto, beneficiar-se do mesmo.” Para Francisco, se os conti-

nuos objetivos propostos permanecem distantes, isso depende da falta de uma cultura da solidariedade e de atividades internacionais que ficam ligadas somente ao pragmatismo das estatísticas.

Quando um país não é capaz de oferecer respostas adequadas à desnutrição devido a seu grau de desenvolvimento, suas condições de pobreza, mudanças climáticas ou insegurança, é necessário que a FAO e as demais instituições intergovernamentais possam ter a capacidade de intervir especificamente para empreender uma adequada ação solidária.

Solidariedade

“A partir da consciência de que os bens que Deus Criador nos entregou são para todos, se requer urgentemente que a solidariedade seja o critério inspirador de qualquer forma de cooperação nas relações internacionais.” A fome e a desnutrição, reforçou o Papa, não são fenômenos naturais ou estruturais de determinadas áreas geográficas, mas o resultado de uma com-



FAO-ONU

plexa condição de desenvolvimento, causada pela inércia de muitos ou pelo egoísmo de poucos.

Fatalidade

“As guerras, o terrorismo, os deslocamentos forçados não são fruto da fatalidade, mas consequência de decisões concretas”, escreveu ainda Francisco, afirmando se tratar de um mecanismo que castiga principalmente as categorias mais vulneráveis, excluídas não só dos processos produtivos, mas também obrigadas a deixar suas terras em busca

de refúgio e esperança de vida.

A 40ª Assembleia Geral da Fao foi realizada de 3 a 8 de julho. Trata-se do máximo órgão de governo da instituição e se realiza a cada dois anos. A finalidade é reunir os Estados-membros para examinar e votar o Programa de trabalho proposto pelo Diretor-Geral (que desde 2011 é o brasileiro José Graziano) e debater questões alimentares e agrícolas. Este ano participam do evento mil participantes, incluindo 70 ministros, 15 vice-ministros e um Presidente.

Mutirão Brasileiro de Comunicação já conta com mais de 200 inscritos

Faltando 40 dias para o início do 10º Mutirão Brasileiro de Comunicação (Muticom) mais de 200 pessoas já realizaram a inscrição para o evento, que acontece entre os dias 16 e 20 de agosto, em Joinville (SC). Com o tema “Educar para Comunicação”, a iniciativa busca ajudar na compreensão da comunicação como instrumento de comunhão e progresso humano, assim como também pretende auxiliar e aprimorar a leitura de conteúdos disponibilizados pelas diversas mídias.

Em sua programação, o 10º Muticom contará com uma gama de pa-



lestrantes, entre eles, mestres e doutores na área de comunicação. “Teremos na parte da manhã palestras que nos ajudarão a refletir de forma aprofundada o tema proposto, entre eles estão a irmã Helena Corazza, que lançou recentemente um livro

com a temática e o professor Ismar de Oliveira Soares, que trabalha com estas questões no ensino”, explica o coordenador do evento, padre Ivanor Macieski.

“Desejamos convidar a todos que desejarem e puderem, para virem a

Joinville e participarem do 10º Muticom. Será com certeza um momento especial de partilha, troca de saberes e crescimento no uso da comunicação e dos modernos meios de comunicação para a evangelização e o anúncio de boas notícias que gerem mais comunhão e progresso ao ser humano. Devemos fazer logo nossa inscrição e garantir a participação neste evento tão importante da comunicação na vida da Igreja”, convida padre Ivanor. As inscrições para participar do Muticom ainda estão abertas e deverão ser feitas pelo site: www.muticom.com.br.

Descentralização e autonomia das comunidades



GABRIELA SANTOS

A orientação da Igreja, em seus últimos documentos, principalmente em Comunidade de comunidades: uma nova Paróquia (Doc. 100) - e, mais recentemente, no Projeto de Evangelização da Arquidiocese de Mariana (PAE), nos ajuda a compreender que o ponto de partida, a plataforma de lançamento para a missão eclesial é a Comunidade. Não uma comunidade qualquer, mas a comunidade cristã, eclesial, amadurecida na fé.

Esse é o desafio de nosso Projeto de Evangelização, pois a formação de verdadeiras comunidades desafia o modelo tradicional de Paróquia que ainda persiste, centrada na pessoa do Padre e nos Sacramentos, e exige uma renovação das estruturas caducas e burocráticas, através da descentralização e autonomia das comunidades.

Descentralização não significa, pura e simplesmente, sair do centro e ir às periferias, nem mesmo deixar a Matriz para atender as comunidades urbanas periféricas e as rurais. Mais do que descentralizar, é preciso “descentralizar-se”; ou seja, sair do centro e deixar que Jesus ocupe o lugar central; Jesus presente em cada irmão e irmã, principalmente nos pobres e sofredores. Assim, cada pessoa se torna o centro de nossa atenção, destinatária e agente da evangelização.

A autonomia está ligada à maturidade na fé. Autonomia não significa oposição ou independência. Tem a ver com o “ser adulto” na fé. Leigos adultos na fé têm condições de se relacionar de igual para igual com os outros irmãos, numa atitude de amor e serviço. A comunidade madura é capaz de conviver com as outras em pé de igualdade, sem se sentir superior ou subalterna. É capaz de encontrar, por si mesma, solução para os próprios problemas, partilhar e dialogar com as demais comunidades, na consciência de que, com elas, forma a grande

rede de comunidades que é a Paróquia. A autonomia não dispensa a articulação entre as comunidades, mas a pressupõe.

Descentralização e autonomia não são uma rebeldia ou oposição à Paróquia tradicional. Não se trata de por fim à Paróquia, pois sobre ela está alicerçado o nosso modelo de Igreja. Mas trata-se de renovar a Paróquia, em suas estruturas. A massificação é uma das características da Paróquia tradicional: para muitos, quanto mais gente nas igrejas, nas capelas, nas reuniões, nas festas, é sinal de que a comunidade vai bem. Esse conceito caracteriza uma infantilidade na fé e decorre do fato de as pessoas não assumirem os seus compromissos decorrentes do batismo e da vivência comunitária. “Tudo isso revela a deficiência da evangelização e a falta de compreensão da missão dos cristãos. As pessoas passam diretamente para os sacramentos, sem inserção em uma comunidade. Viram ‘praticantes’, mas sem responsabilidade” (Fernando Torres Londoño: Paróquia e Comunidade no Brasil).

A “Matriz” deveria reconhecer que é uma comunidade entre as demais e que as comunidades urbanas periféricas e as rurais não são menores nem dependentes, mas têm a sua força própria e têm muito a ensinar. “A comunidade cristã, no momento em que começa a fazer seu caminho de fé, mesmo imperfeito, tem de ser tratada em pé de igualdade e ser articulada como igreja irmã, com todos os direitos e deveres da Igreja mãe (matriz). A partir daí a comunidade se torna autônoma e começa a fazer parte, automaticamente, da ‘comunidade de comunidades’” (Fernando Torres Londoño: Paróquia e Comunidade no Brasil).

As mudanças decorrentes da descentralização e autonomia

A concorrência e competição entre

comunidades ainda existem, em muitos lugares, principalmente nas festas paroquiais, quando uma comunidade quer fazer melhor que a outra, como pura e simples forma de concorrência. Entre nossas comunidades, algumas se consideram mais importantes pelo fato de serem mais antigas, terem maior número de moradores em seu território ou por terem lideranças mais cultas. Outras acham que merecem mais a atenção do padre, que precisam “ter mais missa”... Isso demonstra uma séria infantilidade e falta de amadurecimento no compromisso eclesial.

As experiências feitas em várias paróquias e comunidades de nossa Arquidiocese vêm mostrar frutos que a renovação paroquial, através da descentralização e autonomia das comunidades, tem produzido. Aqui, enumeramos alguns, como forma de incentivo às paróquias e comunidades que encontram dificuldade de renovar-se:

1. As comunidades descentralizadas são motivadas a valorizar a centralidade da Palavra. A celebração eucarística depende da presença do padre, enquanto a celebração da Palavra, seja aos domingos, nos círculos bíblicos, nos grupos de reflexão, nas novenas e devoções, pode ser presidida por leigos e leigas.

2. As pessoas vão tomando, cada vez mais, consciência de sua pertença à comunidade: “a minha comunidade...” O

quanto possível, a Paróquia deve descentralizar também a celebração dos Sacramentos, principalmente do Batismo, da Eucaristia e do Matrimônio.

3. A comunidade deve ter o poder também de decidir sobre seus horários de celebrações, reuniões e outros momentos importantes de sua vida eclesial. A Paróquia deve olhar a necessidade de cada comunidade e não a disponibilidade do pároco. Quando isso não acontece, a Matriz absorve quase todo o tempo e o padre vai às comunidades no restante do tempo que sobrou. Isso contradiz a vida da “comunidade de comunidades”.

4. A organização dos Conselhos Comunitários é grande sinal de descentralização, autonomia, como meios de representação, participação e corresponsabilidade, dentro das comunidades e na vida da Paróquia.

5. Na descentralização muda a posição do pároco em relação à paróquia tradicional, pois deve trabalhar em equipe, com um grupo que o ajude a articular a paróquia, deixando de ser o “chefe” para ser um irmão entre os demais.

É um caminho desafiador, mas vale a pena fazer a experiência de investir na renovação paroquial e comunitária. Os frutos virão com o tempo: teremos padres mais dedicados ao serviço da evangelização do que ao poder de mando; e leigos amadurecidos e comprometidos com a comunidade eclesial.

Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Quais são os sinais de descentralização e autonomia que existem em sua comunidade?
2. Que passos podemos dar para que nossa comunidade seja descentralizada, autônoma e articulada com as demais comunidades da Paróquia?

Pe. José Geraldo de Oliveira
Paróquia de Santo Antônio, Presidente Bernardes

Vamos celebrar!

9 de julho - 14º Domingo do Tempo Comum

A **Liturgia da Palavra** apresenta a realização da profecia de Zacarias. Jesus realiza o “messianismo”, revelando Deus aos humildes e fazendo-lhes um convite para aceitarem seu “jugo”. Ele que é manso e humilde, instaura a Paz afastando a violência e nos revela que há uma insuficiência dos critérios humanos, costumeiros, para o Reino de Deus.

O **mistério Celebrado** nos insere no ministério de Cristo que, por causa de sua mansidão, é humilde e acolhe os humildes. Os critérios da “vida nova em Cristo” devem ser o mandamento do amor a Deus e ao próximo. Acolhamos e pratiquemos o Seu jugo “leve e suave”, na busca da conversão a cada dia. Sabendo que o essencial é o amor, dessa forma nossa vida e prática religiosa, também será “leve e suave”.

A celebração: 1. Para criar um clima orante e alegre para a celebração e capacitar a assembleia para uma participação ativa, como sujeitos da celebração e não como meros assistentes, a equipe de música deve ensaiar os cantos principais com a assembleia. Após o ensaio e faltando uns cinco minutos para o início da celebração, canta-se o refrão meditativo. 2. Na procissão de entrada, além da cruz e das velas, trazer também a bandeira da Paz, um cartaz com os dizeres: “Sou manso e humilde de coração”, seguido de agentes de pastoral com camiseta, símbolo do seu trabalho pastoral ou social, trazendo um cartaz bem visível, com a palavra Sim, sinal de nossa disposição de seguir e obedecer a Cristo em tudo. 3. No momento do sentido litúrgico, ressaltar a relação existente entre a paz, a justiça e o Reino de Deus, pedir a assembleia para que ajude identificar em nossa sociedade, situações onde os humildes necessitam ser socorridos. Pode-se concluir com o refrão de um hino: “Com amor eterno Eu te amei, dei a minha vida por amor, agora vai também ama seu irmão...”. 4. No momento do ato penitencial, ressaltar nossa incoerência, quando não nos empenhamos nas lutas pela paz, pela justiça e em prol das causas

pelos menos favorecidos (cuidado com o moralismo). 5. A Palavra de Deus merece destaque: A 1ª leitura do profeta Zacarias, com apenas dois versículos, poderá ser proclamada de cor, com expressividade nos gestos, andando pelo meio da assembleia. O trecho do Evangelho segundo Mateus sugere também uma expressiva dramatização. 6. Nas preces, incluir pedidos pela fraternidade, pela justiça social e pela vivência da fé cristã. Colocar grãos de incenso a cada prece. 7. Motivar o abraço da paz, destacando a necessidade da comunidade ser como uma grande família, que cultiva a simplicidade, a humildade e a solidariedade. 8. No momento dos avisos, convidar mais voluntários para as pastorais sociais, mostrando as carências da comunidade. 9. Utilizar uma das opções de bênçãos sobre o povo contidas no Missal Romano, próprias para o Tempo Comum.

16 de julho - 15º Domingo do Tempo Comum

Na liturgia da Palavra, usando um exemplo tirado da experiência de vida de todos, Jesus conta a parábola do semeador, uma parábola viva e eficaz, que visa despertar a esperança do Reino que está para chegar. Ele nos motiva a sermos otimistas, a ter esperança e nos convoca para sermos a terra boa da plantação do Pai.

O **mistério celebrado** nos insere no memorial da Páscoa de Jesus, o grão escolhido que, com sua morte e ressurreição, assumiu ser lançado na terra humana pelo Pai, e pela força do Espírito Santo foi germinado, vencendo definitivamente a morte. Abramos nossos olhos, ouvidos e coração a Ele, o semeador generoso, que lança no chão de nossa vida a semente fecunda de sua Palavra.

A celebração: 1. Como orientado anteriormente, objetivando criar um clima orante e alegre para a celebração a equipe de música deve ensaiar os cantos principais com a assembleia. Após o ensaio e faltando uns cinco minutos para o início da celebração, canta-se o refrão meditativo. 2. Na procissão de entrada, além da cruz e das velas, trazer também um cartaz com os dizeres: “Que classe de

terreno somos nós?”. 3. Preparar bem a mesa da Palavra, enfeitando-a com toalha colorida, flores, velas de acordo com o gosto e as possibilidades da comunidade. A Liturgia da Palavra nos apresenta símbolos fortes: a água (1ª Leitura), a terra e o fogo (2ª Leitura), e a semente (Evangelho). 4. A liturgia da Palavra neste domingo merece destaque. Acreditamos mais na eficácia da Palavra, nela mesma está a força para crescer. Fazer a procissão da Palavra, acompanhado de um canto apropriado. 5. Fazer um breve silêncio após o canto do salmo e de cada leitura, para melhor interiorizá-los. 6. A 1ª Leitura poderá ser decorada e proclamada como poesia, de maneira viva e afetiva para atingir o coração das pessoas. No final da proclamação, a assembleia poderá fazer um instante de silêncio para sua acolhida, o cantor entoia a estrofe do canto: “É como a chuva que lava. É como o fogo que abrasa... Tua Palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal. (bis)”, que retoma o Texto proclamado. 7. O evangelho poderá ser encenado. É bom que alguém decore o texto e enquanto vai narrando, um grupo encena os vários personagens: o semeador com as suas sementes, os pássaros, a terra pedregosa e sem vida, os espinhos que sufocam a semente e a terra boa onde as sementes crescem e frutificam. 8. A homilia partilhada poderá ajudar a comunidade a identificar os empecilhos para o desabrochamento da Palavra de Deus. 9. Realizar com especial esmero a liturgia eucarística, momento em que com Cristo nos tornamos um único Corpo, animado pelo seu Espírito, e elevamos ao Pai a mais perfeita ação de graças.

23 de julho - 16º Domingo do Tempo Comum

A liturgia da Palavra dá continuidade às parábolas do Reino, renovando a certeza de que o Reino já está entre nós e caminha para a sua realização feliz e definitiva. Falando sobre os limites e contradições produzidas pelo joio que cresce no meio do trigo, Jesus nos pede paciência, pois a triagem compete a Deus, que é misericordioso e dá tempo para cres-

cermos e sermos recolhidos como trigo e não arrancados como joio e, para não desistirmos, nem desanimarmos.

O **mistério celebrado** nos insere no memorial da Páscoa de Jesus, que no meio dos conflitos e tensões desta vida, vem em auxílio da nossa fraqueza, intercedendo por nós e convertendo nosso coração a Deus, que acredita na força dos fracos e por isto pratica a paciência e a misericórdia. Ele nos ajuda reconhecemos que nós mesmos, muitas vezes, somos o joio que dificulta o crescimento do Reino.

A celebração: 1. A equipe de música ensaie os cantos principais com a assembleia. Após o ensaio e faltando uns cinco minutos para o início da celebração, canta-se o refrão meditativo. 2. Na procissão de entrada, além da cruz e das velas, trazer também um cartaz com os dizeres: “Esperança, até o Joio pode se transformar em trigo”. 3. Após o sentido litúrgico, a assembleia poderá lembrar iniciativas comunitárias, mesmo que frágeis e pequenas, que são sinais do Reino de Deus presente entre nós. A cada lembrança a comunidade responda com o refrão: “O Reino de Deus já chegou!”. 4. Valorizemos o ministério do salmista, pois o salmo é a resposta cantada que damos a Deus. O salmo é Palavra de Deus, e por isso, não deve ser substituído por um hino, sem ligação com as leituras, ele é executado na Mesa da Palavra ou ambão, diretamente no lecionário e não num folheto. Preferencialmente cantado (ao menos o refrão), o refrão é resposta cantada por toda a assembleia e as estrofes pelo (a) salmista. Caso não seja possível cantá-lo, seja então proclamado de maneira expressiva e orante. 5. O Evangelho poderá ser contado ou cantado. Realizar o ato penitencial após a homilia, como resposta à interpelação feita pela Palavra de Deus, se converter e encontrar o bem, ter a mesma paciência de Deus e não desejar a vingança ou o castigo do mau. 6. A profissão de fé de Deus proclamada, atualizada e assumida. 7. Dia 25 celebramos o dia do agricultor e nos unimos à luta por melhores condições de vida na zona rural. Valorizar a participação das

peças que cultivam a terra ou que já trabalharam na roça, na procissão das oferendas. 8. Sendo também dia 25 o dia de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas, nos ritos finais, dar uma bênção especial para todos que trabalharam na terra e também para os motoristas com as chaves de seus veículos.

30 de julho - 17º Domingo do Tempo Comum

A **liturgia da Palavra** apresenta as parábolas do tesouro e da pérola, fala da descoberta de uma felicidade pela qual cada um está disposto a dar tudo para tê-la. O Reino de Deus é o valor maior, é tão imprescindível e desperta uma paixão tão avassaladora, que somos capazes de deixar tudo para adquiri-lo e viver dele. Esta mesma paixão levou Cristo a dar sua vida pela humanidade.

O **mistério celebrado** nos insere no memorial da Páscoa de Jesus, que nos chama a sermos discípulos (as) do Reino, motivando-nos a encontrar o tesouro escondido, tirar dele, a cada dia, coisas novas e velhas e centrando nele nossa vida. Se já encontramos o tesouro pelo qual vale a pena viver, agradeçamos. Se não, continuemos buscando pois, quem procura, acha.

A **celebração**: 1. Preparar o local da celebração com algum símbolo sugerido pelo texto do evangelho de hoje (tesouro, pérolas, rede). 2. É importante manifestar especial alegria na celebração de hoje, porque o mistério do Reino nos é dado e nós podemos participar dele. 3. Na procissão de entrada, além da cruz e das velas, trazer também um cartaz com os dizeres: "O que nos falta para tomarmos uma decisão pelo Reino de Deus?", ou "Jesus, dá-nos a alegria

do teu Reino!". 4. O Ato Penitencial pode ser feito depois da homilia, o presidente faz o convite com uma motivação. Haja um tempo de silêncio, deixando que a Palavra de Deus fale ao coração e ilumine nossa vida. 5. O evangelho poderá ser encenado ou cantado. Concluir a proclamação com a música: "Buscai primeiro o Reino de Deus...". 6. No Rito da apresentação das oferendas, organizar a procissão com os dons do pão e do vinho, de maneira visível. 7. Toda a liturgia eucarística deve ser uma expressão forte da alegria de quem encontrou o Reino, sobretudo expressada no canto do Santo, das aclamações e do Amém final. 8. Encontrar o Senhor e o Seu Reino, nos preenche de alegria, consolação e Paz, esta motivação nos convida ao abraço da Paz, que pode ser realizado no final da celebração, abraçando principalmente as pessoas menos conhecidas. 9. Bênção final do Tempo Comum I.

6 de agosto - FESTA DA TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR (Substituindo o 18º Domingo do Tempo Comum)



A **liturgia da Palavra** desta festa da transfiguração do Senhor apresenta uma manifestação prévia de quem

é Jesus e como será seu messianismo. Trata-se não de um ocaso, na trajetória de Jesus, mas de uma experiência fundamental de sua vida, pois, deixa entrever algo da sua verdadeira identidade, que na humanidade, mostra a sua divindade: A escolha feita no batismo é, na transfiguração, confirmada como o caminho que leva à liberdade humana e à glória de Deus.

O **mistério celebrado** nos insere no memorial da Páscoa de Jesus, o Filho amado do Pai, o escolhido, que tem o rosto transfigurado, que veio para salvar e reconciliar o mundo com o Criador. A experiência primordial e decisiva de escutá-lo ajuda-nos a compreender exigências do seguimento: Quem quer segui-lo deve estar disposto a ser rejeitado e perseguido também. Mas, a certeza da ressurreição nos leva a lutar pela vitória da vida e da liberdade.

A **celebração**: 1. Trazer na procissão de entrada, além da cruz e das velas, um ícone ou estampa de Jesus transfigurado e, onde for costume um cartaz com os dizeres: "Este é o meu Filho amado, nele depositei todo o meu amor. Escutai-o". 2. É

urgente recuperar a importância que teve nos primórdios da nossa Igreja, a experiência de escutar o relato

de Jesus recolhido nos Evangelhos. Fazemos uma entrada solene com o Evangelário no início da celebração ou, do Lecionário antes da Liturgia da Palavra. 3. Na Liturgia da Palavra, Deus está realmente presente e, atuante pelo Espírito Santo (SC7). Daí a exigência de que os ministros leitores (as) tenham uma atitude espiritual de quem está sendo portador de Deus que fala ao seu povo. 4. Criar momentos de silêncio após as leituras, o salmo e a homilia, fortalecendo a atitude de acolhida à Palavra de Deus. 5. Quem preside pode fazer uma oração especial pelos que sofrem e são tentados na fé. 6. É importante tomar consciência de que não celebramos um tema, mas uma pessoa, Jesus Cristo. Porém, as celebrações da comunidade não podem ficar alheias ao tema escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para o Mês Vocacional 2017: "A exemplo de Maria, discípulos missionários", tendo como lema: "Eis-me aqui, faça-se..." (Cf. Lc.1,38), através do qual a Igreja busca motivar as comunidades para a oração pelas vocações nas comunidades, paróquias e dioceses, além de conscientizar adolescentes e jovens ao chamado de servir a Igreja. 7. Dia 04/07 comemoramos o dia do Padre, no final da celebração preparar uma bonita e sincera homenagem de gratidão aos padres. 8. Nos avisos finais, lembrar que no próximo domingo comemora-se o dia dos pais, convidá-los para a celebração. Falar da abertura da Semana da família e da romaria da arquidiocese de Mariana em Aparecida, bem como do encerramento do Ano Sacerdotal Arquidiocesano no dia 15 de agosto em Mariana.

.....
Padre Luiz Cláudio Vieira
Paróquia do Bom Pastor, Barbacena, MG

"Me disseram porém, que eu viesse aqui pra pedir em romaria e prece paz nos desventos. Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar... Sou caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida. Ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida". Quem nunca cantarolou essa canção? Como não se emocionar? Mas afinal, o que é romaria? Diz-nos o dicionário que Romaria é "uma peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma Igreja ou local considerado Santo, seja para pagar promessas, agradecer ou pedir".

A romaria é uma prática tão antiga quanto a história do cristianismo, pertencendo ao patrimônio XIII, para denominar o caminhar dos devotos cristãos para Roma (daí o termo "roma-

ria") ou para a Terra Santa. Por que refletir sobre isso? Simples. Nos dias 12 e 13 de agosto a Arquidiocese de Mariana estará em Romaria, no Santuário Nacional de Aparecida para finalizar a peregrinação da imagem de Nossa Senhora Aparecida na Arquidiocese bem como para louvar, agradecer e bendizer a Deus o jubileu de ouro sacerdotal de nosso arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Uns dos objetivos das romarias é contribuir para transformar a mística e a espiritualidade em gesto e compromisso concreto: "As Romarias são o Sacramento da caminhada". Elas são o templo do encontro do divino com o humano. Elas têm um sentido simbólico, acham sua fonte na própria marcha da humanidade. Sempre houve lugares que despertaram fascínio sobre as pessoas e para os quais as pessoas foram e vão, na busca de algo para suas vidas e Aparecida é um desses lugares.

Assim, é bonito ver e acompanhar a

movimentação das paróquias de nossa Arquidiocese para esse momento de fé e busca de paz, certeza do encontro com o Criador por intercessão da Mãe Aparecida. A romaria testemunha com osromeiros que Maria é aquela que estando à nossa frente apressa muitos milagres, especialmente para aqueles que com fé, amor e devoção vem ao seu encontro no santuário. Para aqueles que já conhecem será momento do reencontro com a Mãe: agradecer e pedir a intercessão. Para aqueles que irão pela primeira vez, será momento de descoberta. Perceber as expressões de fé de milhares de pessoas, que sentiram a mão do cuidado em suas vidas.

Fato é que para a nossa Arquidiocese será momento de muitas bênçãos. Será oportunidade dos filhos lançarem-se nos braços da mãe para agradecer as maravilhas que seu filho Jesus fez e faz em suas vidas. Será momento de Maria reafirmar a orientação dada por ela nas Bodas de

Caná "Fazei tudo o que Ele vos disser"... Será espaço de aprendizado para o se colocar a serviço. Rezemos pois, a oração da Senhora Aparecida, pedindo a ela que apresente ao seu Filho, de modo especial, cada pessoa que se prepara para viagem, até a sua casa. Conduza a todos com segurança e, que nós saibamos reconhecer nela o verdadeiro sentido de ser por nós chamada Mãe.

"Eis-me aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra". Ó, incomparável Senhora da Conceição Aparecida, mãe de Deus, rainha dos anjos, advogada dos pecadores, refúgio e consolação dos aflitos e atribulados, virgem santíssima, cheia de poder e de bondade, lança sobre nós um olhar favorável, para que sejamos socorridos por vós, em todas as necessidades em que nos acharmos". Amém!

.....
Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia N. Srª da Assunção, Barbacena, MG

Caminhando com Maria

Em dezembro de 2014 a Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida foi acolhida pela Arquidiocese de Mariana. Ao longo desses anos, a padroeira do Brasil visitou paróquias, comunidades, capelas, escolas, hospitais, presídios e órgãos públicos. Por onde passou, a Mãe Aparecida foi sinal de fé e devoção, emocionou e deixou frutos. Confira alguns depoimentos.



“ A visita da imagem na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Congonhas, foi uma bênção. Aproveitamos o momento para evangelizar, foi comovente a organização do povo para receber a imagem tão pequena, mas ao mesmo tempo tão grande aos olhos das pessoas. Momentos especiais aconteceram no abrigo, na cadeia, no fórum e no grito dos excluídos, pois parecia que nossa Mãe Maria caminhava no meio do povo. Foram momentos especiais que nossa paróquia nunca irá esquecer.”



CAROL VIEIRA - GRITO DOS EXCLUÍDOS 2015

FÁTIMA SABARÁ
Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Congonhas

“ A notícia da visita da imagem em nossa paróquia foi um momento de grande alegria e expectativa não só para mim, mas para todos nós paroquianos. Quando ela chegou, foi tão emocionante, que o sentimento era como se fosse a presença real de Maria ali, no meio de nós. Um momento místico e inexplicável. A fé e a emoção se entrelaçaram: orações, depoimentos e vontade de estar em todos os lugares por onde Ela passava. Um dos momentos fortes foi a travessia da Réplica pelas águas do rio Piranga. Milhares de pessoas participaram deste momento e desejaram estar ali.”

MARIA FRANCISCA DE OLIVEIRA
Paróquia São Sebastião, Ponte Nova



BEATRIZ TEIXEIRA MARCOS

“ Fiz uma promessa para Nossa Senhora Aparecida pela saúde de meu esposo, José Carvalho, que estava doente e já tinha sido encaminhado para uma cirurgia em que perderia um dos membros. Mas Nossa Senhora Aparecida o abençoou e a graça foi alcançada, pois novos exames foram feitos e não houve a necessidade da cirurgia. Recebemos a imagem com muita emoção e fizemos o agradecimento pela graça alcançada.”

MARINA DE FREITAS, Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana



ARQUIVO PESSOAL

“ Quando o padre Eudes avisou que a gente ia receber a Imagem na paróquia, ele disse que duas pessoas seriam sorteadas para receber a imagem em casa. Eu estava passando por alguns problemas, mas foi uma bênção poder receber Nossa Senhora. A minha casa ficou aberta para as pessoas poderem rezar e ver a imagem. Foi um dia de muita bênção, dia que eu nunca vou esquecer. Nossa paróquia é muito grande e ter sido sorteada foi muita emoção. Quando Nossa Senhora entrou na minha casa foi um momento de muita bênção.”

MÁRCIA APARECIDA DA SILVA, Paróquia Santo Antônio
Comunidade de Santa Efigênia, Barbacena

“ Na paróquia foi um fenômeno. Por onde a imagem passava ela arrastava multidões. Foi bonito acompanhar, não só em Piranga, mas em toda a Região Centro. Em algumas comunidades até pessoas que não eram católicas participaram das atividades e celebrações junto à Imagem Peregrina.”

PADRE JOSÉ RAIMUNDO ALVES
Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Piranga



PASCOM PARÓQUIA DIVINO ESPÍRITO SANTO - LAMIM
NA FOTO: PADRE ADELSON NA COMUNIDADE DOS MARTINS